

Apresentação

Língua da escola e língua da vida:

Um fazer entre o político, o científico e o institucional

*Langue maternelle, langue étrangère.
Où trouver une place, un espace de langue,
un intervalle, une langue entre?*
(ROBIN, 1983)¹

Percorrer o deserto (povoado), no traçado do tempo recortado pela linha que se bifurca na multiplicidade do sujeito Amanda Scherer, naquilo que marca e constitui o indefinido do sujeito, na alteridade, que o conecta a todos os outros pelo atravessamento das histórias narradas, é o que nos propõe a leitura da entrevista a seguir. É um caminho percorrido em uma língua-entre, que nos conduz ao entre-dois da história do sujeito Amanda Scherer, da professora de francês, da professora de Linguística, da orientadora, da pesquisadora, da autora. São histórias na história de muitos (individual e coletiva). São muitas histórias na história de cada um de nós. É assim que esse percurso se faz, na poesia guardada nas palavras, diria Manoel de Barros. E como diz a própria Amanda, em um texto constituído a seu modo, na alteridade do dizer², esse percurso é o entre-dois de “uma soma disfarçada de lugares, de épocas, de tempos”.

Modo singular de tecer uma dispersão para que um outro algo vá surgindo, em que nada nos é apresentado como verdade ou última palavra, mas como devir que exige uma tomada de posição. Esse é, para nós, o sentido do que se costuma chamar de ‘escola apra a vida’, sentidos que vão se inscrevendo de modo imprevisto no percurso cotidiano de novas histórias que esperamos poder construir por meio de aquarelas que nos foram tão amplamente delineadas de forma livre, espontânea, porém firme, ética e ‘gauche’, de uma maneira muito própria.

A busca pelo sentido da orientação, pelo sentido da pesquisa, da formação do pesquisador, de um ‘saber-fazer’ entremeado ao ‘saber-ser’, é constitutivo da “relação entre o mundo e a língua” que a entrevistada vai estabelecendo no ir e vir de suas memórias.

Nesse ir e vir, aprendemos com a professora Amanda que não somos aquilo que acreditamos ser, mas decisivamente nos tornamos também aquilo que dizem de nós, o modo como o outro nos significa. É nessa relação com o outro que a diferença nos significa enquanto sujeitos: alteridade da diferença, alteridade da relação, nos diz Labarrière (1983). Uma vez que a alteridade de diferença vem a ser vivida como alteridade de relação, dá-se o movimento de liberdade. Ao alterar-se com a diferença, ao relacionar-se com o estrangeiro, com o desconhecido, o sujeito funda um lugar de fala, um sentido, um saber.

¹ ROBIN, R. *Le deuil de l'origine une langue en trop, La langue en moins*. Paris : Presses Universitaires de Vincennes, 1993.

² Estamos no referindo ao texto *Palavras de intervalo no decorrer da vida ou por uma política imaginária da identidade e da linguagem*, escrito por Amanda Scherer, Gladys Morales e Hélène Leclercq. In: CORACINI, M. J. (org.) **Identidade e Discurso: (Des)construindo subjetividades**. Campinas: Editora da Unicamp; Chapecó: Argos Editora Universitária, 2003. p. 23-35.

No espaço político institucional, aqueles que são afetados por esse saber em grupos de estudo ou salas de aula, e são constituídos por ele, nem sempre têm a oportunidade de dizer. Nesta publicação que hoje é um espaço solidificado de circulação de ideias, ora esse instante se oferece, para que algumas vozes possam expressar sentidos que também e de maneira forte significam as suas próprias histórias. Nesse espaço, há polêmicas, debates, desentendimentos, contra-discursos, e há porque é desse modo que acreditamos que o conhecimento se constrói, no espaço da experiência, do viver e do dizer. “O dito e o vivido se recusam à inércia”³. Nesse mesmo espaço não há um ‘patinho feio’, não há a contentora ‘gauche’, existe uma orientadora que, com generosidade, nos põe em confronto com nossos próprios limites, a nos fazer mais comprometidos conosco e com um grupo, mesmo sem, às vezes, o sabermos. Esse sentido que ‘atribuímos’ é um vestígio também do que somos e significa na construção contínua de saberes em torno de língua, discurso, história, ensino, ética, vida.

Temos, assim, nos sentidos das palavras dessa leitura, nessa aquarela, “a fala do sentimento, fratura interna de um dizer que se articula sobre um viver”⁴ formulado ao modo de uma entrevista. Gostaríamos, então, de compartilhar pinceladas de cor, essa cor que emerge da multidão de sentidos a que somos instigados face aos mais diversos objetos de sentido sobre os quais aprendemos a lançar olhares que perguntam pelo que está, o que não está e o que poderia estar ali, ensinando-nos a pesquisar, a perguntar pelos sentidos e formular modos de intervenção capazes de nos trazer possíveis respostas.

Temos aqui uma história que deu caminho a muitas outras, ao longo de 10 anos de Laboratório Corpus. É, portanto, a historicidade de um lugar, de um sujeito, que é imensamente plural, muitos, e ainda sim único. É uma homenagem, mas, antes disso, são pedaços de memória sobre o ensino de Francês, sobre a Linguística no RS, sobre o disciplinar, sobre língua, discurso, o institucional, sobre o embate entre o político e o simbólico em que se inscrevem os sentidos.

Cristiane Dias (Labeurb/Nudecri – Unicamp)
Rejane Arce Vargas (LabCorpus/PPGL – UFSM)
 Outubro de 2009.

³ Op. cit.

⁴ LABARRIÈRE, P. J. **Le discours de l'altérité**. Paris : PUF, 1983. p. 272.